

AS PULSÕES DE MORTE NO ANJO DA HISTÓRIA

João Galvão¹

RESUMO

Quanto às forças atuantes neste trabalho, singulares contradições em nós sobre nós mesmos frente ao outro e entremescladas na história, acreditamos que o pensamento freudiano faz magia [*Magie*] sem “varinha mágica” (Novalis) – com uma força constante interior ou força permanente, silenciosa, destruindo o pensamento da representação. E aqui, nos aproximamos da natureza do demônio em Freud e Walter Benjamin. Com estes estranhos rebentos presentes nestes dois pensadores, tentamos nestas pesquisas, trabalhar com alguns fragmentos deste “pensamento da diferença” aproximando-os dos escritos do primeiro romantismo e entendendo este como “pó de eflorescências” [*Blütenstaub*] num movimento mortuário.

Palavras-chave: Fragmentos. Pulsões [*Trieb*]. Inconsciente [*Unbewussten*]. Filosofia da Diferença.

LES PULSIONS DE MORT DANS L'ANGE DE L'HISTOIRE

RÉSUMÉ

*A propos des forces agissantes dans ce travail, les contradictions singulières en nous sur nous-mêmes en face de l'autre et mélangées dans l'histoire, nous croyons que la pensée freudienne fait de la magie (Magie) sans une “baguette magique” (Novalis) – avec une force intérieure constante ou une force permanente, silencieuse, détruisant l'idée de la représentation. Et ici nous arrivons à la nature du démon dans Freud et Walter Benjamin. Avec ces étranges rejets présents dans ces deux penseurs, nous essayons dans ces enquêtes, en collaboration avec quelques fragments de cette “pensée de la différence”, les approchant des écrits du premier romantisme et comprendre comment cette “poudre d'efflorescences” [*Blütenstaub*] dans un mouvement mortuaire.*

Mots-clés: *Fragments. Pulsions [*Trieb*]. Inconscient [*Unbewussten*]. La Philosophie de la Pensée.*

¹ João Galvão possui doutorado em Teoria Política, pós-doutorado em Teoria Psicanalítica (UFRJ) e Filosofia (PUC); pesquisador do Grupo de pesquisa Constituição dos conceitos freudianos (UFRJ) e Walter Benjamin e a Filosofia contemporânea (UECE).

Noite

Antes de mais nada é importante registrar que é a *A Narradora*² que deixamos dizer as *cenas* das narrativas que nos *apresentou*. [Des]conectar uma narrativa literária a uma suposta “metapsicologia” torna-se uma tarefa árdua – ainda mais se essa narrativa é atravessada por uma *experiência* real [intensidades e os excessos]. Aqui não existe um discurso sistematizado do nomeado “Ser” – pelo contrário, *ser trans* é deixar de lado o discurso deste “Ser” [ou não-ser] e se *abrir materialmente* para [o] prazer da vida; é deixar os desejos pulsarem na alma. O que liga ou [des]conecta Eu = n[ão-]e[u]³ ao *trans aberto* é o desejo. Quando o desejo *toca* o corpo – nasce a abertura para o infinito – várias possibilidades entremescladas. Todo homem deveria estar *aberto* a esta experiência. [O] desejo de *ser trans* passa antes de mais nada pelo desejo da abertura do *feminino* entremesclado ao prazer; essa concepção criativa da narrativa refere-se ao elemento feminino que mantém sua força constante durante a *obra* [trabalho psíquico da alma] – é a própria criação que, ao se consumir, na experiência, dá novamente à luz e à escuridão ao criador. Os dois movimentos afluem na primeira sensação de prazer em que se misturam a cumplicidade da rua – ruas *da* alma. Numa daquelas ruas que Eu = n[ão-]e[u] mais tarde viria a percorrer de noite; a noite apresentando-se como signo de libertação e fuga, da mesma forma apresentada por Novalis⁴ em *Hinos à Noite* [*Hymnen an die Nacht*]; libertação interior pela noite e sonhos e suas criaturas da natureza – o mistério da noite, do sonho, da vida e/ou morte, *apresentando* as forças da natureza [pulsão de vida–pulsão de morte] pela experiência da narradora; figuras da natureza que nessas narrativas e fragmentos antecipam as ideias da psicanálise e da filosofia da natureza. A expressão de *ser trans* é expressão do prazer que [des]habita o corpo de todos. Esse desvelamento da consciência ou de um Eu privado de experiência e acorrentado pela ordem do discurso das *palavras* é o que impede que desejo/prazer potencializem a natureza dos homens. [Os] homens deveriam entender que faz parte *da* natureza o *movimento* que liberta seus desejos mais profundos ou o que poderíamos entender *das coisas* que fazem parte de um

² DOURADO, J. & GALVÃO JR., JC. *A Narradora*. São Paulo: LiberArs, 2014 [Prelo].

³ NOVALIS. *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009, p. 139.

⁴ Friedrich von Hardenberg (1772-1801).

inconsciente pulsional. O verdadeiro homem revolucionário é o homem que segue seus instintos na intensificação do uso dos prazeres. Aquele que se culpa e exerce um olhar moralizador sobre o prazer é aquele representante do rebanho que sofre com as figuras da natureza. Propomos com isso – [a] liberação [do] isso fora de uma cultura que miticamente moraliza os desejos mais profundos e intensos, que para nós, revela-se como uma *coisa* da natureza. A *coisa* [des]habita a natureza, e o nomeado “anormal” é aquele que nomeia com sua mítica violência do discurso normativo pertencente a casa do “Ser”. Num movimento contrário e aberto materialmente para/no prazer das coisas [o] *ser trans* se plasma por intensidades pulsionais e consegue viver uma vida mais *leve* – mas com força e profundidade. *Ser trans* é um *devir-animal* onde a libido não faz parte de uma construção normativa da nomeada sexualidade, pelo contrário, *ser trans*, é todo aquele ou Aquilo que no desejo rompe com “novas” sexualidades ao encontro da *libertação sexual* que a cada instante fratura as formas da ordem da representação. *Ser trans* [Seer trans] é deixar o desejo aflorar para o uso dos prazeres. É o que *vivia* alguns: quando se sai de uma verdadeira ruptura, consegue-se...

O demônio na alma [estado de excitação]

O que cria ou as *coisas* que criam rupturas na História estão *para além* do discurso ou da linguagem humana que nomeia as coisas. As coisas ou linguagem das coisas na produção de fluxos e sua economia estão para além das representações e seu mítico e violento nomear das coisas. Estas coisas não são e não podem ser articuladas – mas antes de mais nada seus fluxos *abrem* caminhos na produção de traços de singularidade sem sujeito – o que existe é o *bicho[s]* intranquilo atravessado por nervuras arqueadas. *Metamorfose* do[s] *bicho[s]* *monstruoso* [Ungeheuer]. *Coisas estranhas* [Unheimlich]. As *coisas* se proliferam no escuro em sua natureza – fragmentada. [O] *fragmento* [des]habita. O que não se pode domar pelas palavras está solto fora das quatro paredes familiares da nomeada “Casa” [linguagem] e mesmo em seu interior ou entre estes dois mundos – estado da alma – resiste o *desejo* dentro do aparelho da alma – enquanto fonte de *liberdade*. Na *alma* e formação desta alma [Seele] é introduzida [a] *intensidade* – uma espécie de economia das forças – no efeito interior desta, na criatura do *bicho*

[bichos da criatura]. Não existe “metafísica da força”⁵ – a *força* é ou não é. Existe um diálogo com o *núcleo da natureza*⁶ – este núcleo fragmentado está atravessado por *excitabilidades* [*irritabilidade*]⁷. Diante desta estranha natureza – entidades indefinidas e fragmentadas, a natureza destas excitações ou natureza de processos de excitação ou excitabilidade estão [des]ligados ao [des]prazer e ao *desejo*. Nesta ambivalência, aqui, inicialmente, a criatura é marcada por uma *prematuração* [não dispõe de aparelhos suficientes para regulação de sua *excitação*]. A *alma* atraindo a si toda *excitabilidade*⁸ [daí a estratégia do *pensamento da representação* em governar a *Reizbarkeit*] – o pensamento em Freud é que o *aparelho psíquico* [da *alma*] é efeito de captura da excitabilidade, alma aberta ao mundo exterior e ao mundo interior em relações de força – *estados da alma*. Esta *irritabilidade* não pode ser pensada pela matemática – a máxima da *hostilidade* da “Casa” contra este *estado da alma* foi rigorosamente estabelecido pelos penitentes rigorosos que acompanham a procissão dos vencedores. A respectiva *irritabilidade* é aniquilada pela representação religiosa ou a *governança* interior dos homens.⁹ Na “Casa” não há perigo de correntes de *ar*. *Ao sol* – a “*peste*” aparece mais em sua *face*, sempre mais desestruturada do que na *casa da linguagem*. As coisas na natureza em sua natureza – *mas* há ainda *outra coisa[s]*, de muito terrível e inquietante – *silenciosa*. Numa rua de mão única: se fechar [*estrategicamente*] por dentro mesmo em “*casa*” – resistir por dentro mesmo em “*casa*” frente o círculo dos humanos ou da *linguagem humana*. Na *linguagem* é desta forma: a “*essência*” lingüística das coisas é *sua* linguagem.¹⁰ A linguagem *já* é coisa – cristalizando miticamente as coisas. Das *freudianas* às *benjaminianas*, as entidades indefinidas num *estado de excitação* frente a *exceção* da narrativa discursiva do pensamento da representação. Desde a *metamorfose dos animais* à captura destas *coisas estranhas*. Palavras, palavras, palavras... O beijo do *sol* pode gerar *larvas* nas faces das *criaturas humanas* que habitam a nomeada “Casa”. Que a palavra gelada – entra nos ossos, *articulando* as

⁵ GALVÃO JR., J.C. *Nietzsche no complexo [do] alemão*. São Paulo: LiberArs, 2013.

⁶ FREUD, S. *Proyecto de psicología* (1895) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 1, p. 327.

⁷ NOVALIS. *Fragmentos I e II*, [112]. In *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009, p. 143.

⁸ *Idem*, p. 144.

⁹ NOVALIS. *A Crisandade ou a Europa*. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006, p. 30, 37, 57.

¹⁰ BENJAMIN, W. *Sur le langage en général et sur le langage humain* (1916). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000, p. 145.

coisas. Neutra. Ao articular – neutraliza as coisas eliminando suas forças. Não se engane nos seus cálculos: aquela *Palavra* era tão visível que se podia distinguir até no meio da escuridão? Ficaram acordados tagarelando na Floresta em voz alta até seus crepúsculos. Finitude da *criatura humana* – nomeado humano [criatura hostil]. Humanismo. Inconfundível *pastor* pela linguagem. O *Pastor* recolhe o rebanho e a alma como o surgimento do humano *no* aberto – aí não há nenhuma especulação sobre a “metafísica” da alma? “Metafísica” [d]O *aberto*. O perigo é ameaçador onde as alianças de uma “estrutura” são constituídas pelas identificações dos seus membros uns com os outros na salvação daquele lugar aonde chegou numa escuta obediente. Mas as *estranhas entidades* não vêm esse “*ser*” em parte alguma, não ouve a sua *palavra* nem a sua *voz*. Não há identificação. Seus *estranhos fluxos* acabam por romper e fraturar a nomeada estrutura num *estado de excitação*. Têm o *demônio* na *alma* – possuído[s] pelo[s] demônio[s]. Estranho e não estranho [“*ser*” ou “*não-ser*”] – posição estratégica. Silenciosa *metamorfose* das *coisas* frente às *palavras*. É preciso *resistir* de dentro da alma. Do deserto – expulsos retornam à “Casa” intensificando [o] *estado de excitação* das coisas num combate entre os demônios.

Companheiro diabólico

O *movimento da libido* não capturada por dispositivos [político e teológico-político] numa constante dos fluxos e sua expressão, não é ligado em significantes ou por virtude do Espírito Santo. A criatura nomeada de sujeito na modernidade atravessada pelo discurso humanista não repousa sua constante insistência num jogo de significantes. O caráter do *jogo* está para além deste discurso que deseja estruturar as coisas no plano extensivo. O *desejo* aqui – não somente vive e habita a extensividade das coisas; um certo tipo de ditadura do significante é inseparável de uma certa civilização e sua peste emocional. Na governamentalidade – o trabalho cultural de territorialização significativa do espaço das almas frente a esta criatura, põe em jogo esta extensividade no combate a desterritorialização das expressões. Suas cadeias significantes alienam num imenso maquinário cultural, representacional e técnico. O reflexo do espelho *passa ser* reflexo humano. Toda a *libido* é então capturada, subjetivada – [re]cristianizada – em função das exigências da economia e teologia dos fluxos capitalistas. Qualquer *estádio libidinal* é uma estrutura patológica ou patologizada. Existe uma reificação dos fluxos extensivos.

Todas as *intensidades pulsionais* concorrendo à formalização da ordem do discurso devem se alinhar – a pulsão deve ter seu passe pela linguagem humana – a pulsão *deve ser* articulada ao “*ser*”. Guerra de espaços na alma [*Seele*]. Territorializando-desterritorializando – culturalmente governam-se as figuras da natureza. A guerra por estes *espaços da alma* tem seu passe na captura do *jogo* da criança – desde a tenra idade – quando a criatura é marcada por uma prematuração [ou estado de uma criança prematura]. Ou seja: a criança não dispõe de aparelhos suficientes para regulação de sua excitação; seu *aparelho da alma* não está ainda completo e atravessado de espectros.¹¹ O resto é *silêncio*. Esta criatura é caracterizada pela *excitabilidade* [*irritabilidade*]. O *fascismo* presente no alerta do *Anti-Édipo* seria uma destas *formas de representação* frente à excitabilidade que deseja *abertura*. Os domínios religiosos, filosóficos e científicos eliminam este *jogo* que estimula o *florescimento das coisas*, frente a este extermínio e sua impossibilidade quando as partículas renovam em constância e disseminam contaminando as *coisas* libertadas pelo *pólen*. Entremescladas, as *coisas* estão aí. O pensamento contido nos fragmentos de 1895¹² floresceu nas teorias da psicanálise freudiana. A *vida* floresce e morre *já morrendo* – no florescer disseminando o *pólen* já se está murchando num processo de mortificação – imanência da morte *na vida*; como a *vida* encontra *na morte* sua mais diferenciada figura. Efeitos da finitude. Mas, *talvez*, o Pastor do “*ser*” seja metafísico porque pensa a *vida* de um lado e a *morte* de outro lado; de uma ontologia vitalista para uma ontologia mortalista onde o total pensamento a respeito do sentido abrangente do nomeado “*ser*” repete o mesmo [inconsciente] de uma tradição metafísica que em sua orientação teológica pensa extensivamente ter superado a morte de [D]eus. A massa [ou “*multidão*”] quer proteção. A Filosofia não é tão rosa – muito menos o discurso que se arroga científico. Em sua radicalidade – “*O Nascimento da clínica*” – dá legitimidade à psicanálise: como pensador, Foucault, na *dor dos vencidos*. Poderíamos falar de uma *história a contrapelo* – uma moldura teórica que questiona a tradição e patrimônio cultural dos vencedores. *Trágico da finitude* presente na psicanálise e no drama barroco. Patrimônio cultural aliançado a submissão [*sujeição significativa*] e ao formalismo transcendente dos campos significantes que não passam de um momento cultural – humanista.

¹¹ FREUD, S. *Carta 52* (1896). *Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 1, p. 277.

¹² FREUD, S. *Proyecto de psicología* (1895) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 1, p. 323 - 446.

Portanto, não se trata de reportar apenas a obra à intimidade, *mas* de dissolver o logro da intimidade significativa. A forma discursiva da psicanálise tenta representar todas as coisas numa complexidade na estrutura da linguagem humana laconizando *a coisa em ato*, operação que totaliza uma visão de mundo – “*Matemática pura é religião*” ou “*Quem pega num Livro de matemática sem devoção e não o lê como palavra de Deus, esse não o entende*”.¹³ A *coisa instintual* se esgotará inteiramente na sintaxe inteligível do *Significante*. Tal modo de *falar* revela aparentemente o sentimento de que se trata de alguém de “*Casa*” frente ao estrangeiro potencialmente *esquizo* [“*Ouçam o louco!*”¹⁴]. Sonoridade de voz, dom de falar, superioridade, saúde, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos nomeados humanos, visão geral do mundo – [o] *bicho[s]* torna-se tão diferente e nessa diferença tão perigoso para o *outro* com *face* [não o outro do outro], que este outro, comungando destas qualidades, calcula antecipadamente como esmagar o *bicho* sob os pés. Mas o que é vivo não comporta o cálculo – *as intensidades* não são exatas, por isso, devem ser eliminadas pelo discurso do nomeado “*ser*” [*linguagem humana*]. Muitos fornos crematórios serão necessários para o discurso filosófico conseguir exterminar o estranho *parasitismo* da psicanálise e do barroco. Quando a psicanálise tenta revelar as *forças ocultas* e seus *demônios*, torna-se *estranha*.¹⁵ Como forma de defesa frente à nomeada “*Casa*” a criatura desaprende a falar ou partilhar desta linguagem humana – a palavra *lhe* é interdita.¹⁶ Mas neste movimento aleatório de partículas num fluído não há fala – mas *bicho[s]*. Vida e destrutividade se fazem presente no instante do agora. Não há *voz* nem *face* – apenas *excitabilidades entremescladas*. O *instante* das coisas não tem seu passe pela habitação do [auto]nomeado “*ser*”. Mas, a problemática da *excitabilidade* e seu controle não passam longe da chamada *política bioteológica* a repetir o mesmo num modelo lingüístico humano crente de si. Espicaçando a criatura, o companheiro diabólico impede que aquela soçobre em integral repouso. Um mundo mágico e silencioso *das coisas* da natureza trabalha a cada instante num ruído pulsional – o *barroquismo incontrolado das coisas* trabalha nos fluxos a cada instante, criando novos espaços na abertura e rachadura das paredes desta nomeada “*Casa*”. As

¹³ NOVALIS. *Seleção dos fragmentos e estudos de 1799-1800*. In *A Cristandade ou a Europa*. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006, p. 85, 86.

¹⁴ *The Prophet's song* (1975).

¹⁵ FREUD, S. *Lo ominoso* (1919). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 17, p. 243.

¹⁶ KAFKA, F. *Carta ao pai*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 21.

coisas que disseminam o *polínico* são os *bichos* e o *vento* – o[s] *bicho[s]* e o *vento* como *polinizadores*.

La Destruction comme cause du devenir

Verdadeiro soldado profissional, que infesta o campo de certa cultura menor, o inseto daninho, perverso, *bicho[s]* suga o sangue [des]conservando a morte *na* vida – tornando a vida e a morte mais leve – *parasitando*¹⁷ o discurso do nomeado “*ser*” ou de uma “cultura européia”. Nesta cultura [*parasitada*], o *estatuto filosófico do homem*, para além do ser do homem como objeto de saber metafísico e saber positivo, num uso de fidelidade e obediência incondicional, a resistência da experiência de singularidades no inconsciente como descentramento desta *criatura* é polenizada pelos *bichos* e o *vento*. No trágico barroco da finitude a *criatura* encontra nas figuras da natureza seu romantismo primeiro. “Descrever seres humanos tem sido impossível até agora, porque não se tem consciência do que é um ser humano (...)”.¹⁸ Encontramos apenas as *coisas* finitas e entremescladas. Nestas coisas diversas e singulares as partículas habitam o ar – são movimentadas pelo *vento*. Coisas diferentes como o “*ser*” no ar, no movimento do *vento* representam para além do pensamento da representação, intensidades intemporais rememoradas pelo *ato* da criatura presente em instante. Uma rua de mão única para não repetir o mesmo, conhecido e nomeado *logos* grego. [Des]habita *no* ar. Estar no ar disseminando *pólen* com o *vento*. [O] *pólen* no séc. XX são as *cinzas* no ar – *ser[es]* no ar – espectrais que contaminam e ainda parasitam uma cultura. Um gosto de cinza voa no ar – exalando-se da lareira da Casa; eis o tempo dos assassinos, um Ser de Beleza de alto porte.¹⁹ Espectros [*spectres*] ainda rondam a cultura européia. “...vejo espectros novos rolando através da espessa e eterna fumaça de carvão...”²⁰ A psicanálise e o barroco habitam no ar – disseminando *Pólen. Cinzas*. Aqui, a dor dos vencidos se faz presente no instante histórico entre *memória* e *contra-história* [*história a contrapelo*] – a *vida psíquica* a partir da ideia de *história* – *finitude*. As partículas do *pólen* que habitam o ar desta cultura encontram-se no embate ou encontro impetuoso entre *pulsão de vida* e *pulsão de morte* inscrevendo-

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ NOVALIS. *Pólen / Observações entremescladas* [108, 119]. In *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009, p. 98 - 99.

¹⁹ RIMBAUD, A. *Illuminations*. Paris: Gallimard, 1999, p. 18, 26, 28.

²⁰ *Idem*, p. 32.

se num solo de uma *criatura da finitude*. As *coisas* finitas e entremescladas de morte *na* vida exercem uma *função conectora*: fazem aumentar as conexões do desejo no campo de imanência – aqui, o desejo mais erótico produz um investimento silencioso entremesclado com sua destrutividade interna. Há uma relação de imanência entre pulsões e inconsciente [*inconsciente pulsional*] – intensidades que fogem da domesticação do nomeado *sujeito*, permanecendo por uma força constante com [o] *bicho[s]* da criatura e conectando-a às silenciosas forças destrutivas da natureza e sua pulsão erótica. Existe um movimento dos impulsos destrutivos inconscientes contidos na própria vida que cria abertura[s] na vida; a cada instante silenciosamente seus instintuais pulsionais de morte [des]conectam as forças instintuais na/da vida. Se por um lado, as manifestações instintivas das pulsões de morte são *independentes* do libidinal erótico da vida, estar em relações de forças pulsionais *autônomas* não significa que estas coisas da natureza não estejam *entremescladas* entre elas. As coisas se *irritam* com as coisas. A natural pulsão de caráter destrutivo da criatura deriva da natural pulsão de morte que se move ao lado das pulsões de vida. Da mesma forma as criaturas reúnem-se libidinalmente e [des]ligadas umas as outras, seus movimentos instintuais pulsionais a cada instante entremesclam-se entre si diante da natureza. Suas obscuras e silenciosas coisas instintualmente resistem frente à nomeada civilização; seu caráter *autônomo*²¹ e ao mesmo tempo *entremesclado* – ambivalentemente trabalham com vida e morte e morte *na* vida. A força da natureza de criar e irromper para morte e com *a abertura* da morte. A dimensão da criatividade se faz presente na literatura psicanalítica e seu trágico barroco da finitude, rememorando seus dias de 1912 com Sabina Spielrein em *A Destruição como causa do devir* [*Die Destruktion als Ursache des werdens*²²] – tentativa de compreender as experiências dolorosas das forças que embelezam e ao mesmo tempo destroem tudo, perigo desconhecido vindo de dentro; o instintual pulsional sexual sendo contraditório em si mesmo – luta pela vida e pela morte frente a um impulso destrutivo. Os *bichos* da criatura não podem dizer o que querem – estas coisas são mudas; a luta da vida e suas pulsões de morte impulsionam num devir *as coisas* dentro do *bicho[s]* da criatura. Talvez a sombra de

²¹ FREUD, S. *El Malestar en la cultura* (1929). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 113.

²² SPIELREIN, S. *La Destruction comme cause du devenir* (1912) Trad. Pierre Rusch. In *Sabina Spielrein: entre Freud et Jung*. Paris: Aubier, 1981, p. 213 - 262 [***Die Destruktion als Ursache des werdens***. trad. livre de Renata Udler Cromberg - USP].

morte *entremesclada* com um intenso pulsional erótico *em devir* tenha trabalhado de forma tal, impressões e experiências acumuladas nas forças demoníacas ou *esquizo* de Spielrein. Talvez estas forças se apresentem como mais “*junguianas*” do que na realidade são. O pensamento não parte de imagens, estas que são *imagens de pensamento* – mas Sabina Spielrein está *para além* da pura *imago* cristalizada, vai de encontro ao carácter destrutivo das pulsões de morte ou das pulsações inconscientes de morte. O *para além* de si mesmo que a si mesmo cria e a si mesmo destrói, a criatura em sua finitude está aberta a um *perigo outro*,²³ natural, silencioso – *obscuro*. Mas [o] *obscuro* aqui, não é o *escuro* do universo. O *escuro* é o *escuro* da criatura em suas *pulsões de morte*. Silêncio *escuro* das pulsões de morte – são *experiências*. Nesta sombra de morte – *rememorar* ou a prática da *presentificação anamnésica* [*Eingedenken*]²⁴ é abrir a *dor dos outros* na História – força de resistência *na* rememoração do passado dos mortos. Tempo passado *experienciado* na rememoração dos mortos, estranha à *vida* e candidata à *morte* – não há discrepância entre seu pensamento e suas ações, como também à diversidade de seus impulsos de desejo. Os mesmos *bichos esquizos* que trabalham em carácter destrutivo rompendo com a vida e conectando com a vida tem suas passagens pelo retorno sexual do estranho cheiro erótico na criatura civilizada. O [des]*prazer* é um hóspede permanente assombrado por suas pulsões de destruição inconsciente. Aqui, o além do *bicho[s]* segue o cheiro do erótico e instantes do carácter destrutivo. Na repressão orgânica e repressão cultural [moral] habita o governo dos vivos -o *nomeado* “poder soberano” e a refinada biopolítica. Com a perda economicamente não satisfeita destes instintuais pulsionais ou da natureza frente a sua primeira repressão, os *bichos* da criatura passam a ser domesticados pela segunda repressão cultural habitada por estas técnicas. A vida *passa a ser* “humana”. Os que habitam a “casa” tratam da “palavra”, porém, mostra-se que a “palavra” e o que ela *nomeia* é que tratam dos que habitam esta morada. A coisa *nomeada* em cada “palavra”. As palavras devem experimentar seu poder de nomeação e conjugação. Ser fiel ao ser da “palavra”; é a partir da fidelidade já dominante na unidade da “palavra”. Mas [o] *obscuro* é sempre mais e *outra coisa* estranha: alguma coisa não tem seu passe pelo *nomear*, arrebenta de forma independente –

²³ *Idem.*

²⁴ BENJAMIN, W. *Sur le concept d'histoire* [Appendice B] (1940). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000, p. 443.

[o] *bicho[s]* atravessado de *excitabilidade*; entremescladas, as excitabilidades dos *bichos* fazem com que a criatura não renuncie ao seu caráter instintual. A matilha de suas intensidades continua a pulsar enquanto as forças silenciosas de morte estiverem presentes na vida. Na natureza do *homem*, criatura da natureza, as coisas estão entremescladas de uma *vida sexual* livre [antes de seu porte ereto] e *pulsões de destruição*. Nesta criatura da natureza, sua sexualidade vem *de fora* para dentro entremesclando-se com suas pulsões de morte que vem *de dentro* para fora. A natureza dos *bichos* já trás a *diferença em si*; enquanto a dita “civilização” [“cultura”] impõe à criatura, sacrifícios à sua *vida sexual* e sua força erótica e a seu *caráter destrutivo*.²⁵ Em suas conexões – os *bichos* criam diferenciais mínimos que as coisas colocam e que se inscrevem entre outras criando rupturas no campo da repetição do mesmo. As coisas dos *bichos* que não respondem e resistem à nomeada “estrutura” mítica introduzem uma diferencialidade na esfera sacralizada do *mesmo*. Do *silencioso* movimento das coisas dos *bichos*, sua inexorável natural finitude de morte a cada instante aparece em *ato* diante do desejo das mais obscuras forças. [O] *bicho[s]* com todo terror aparece em *ato*. A batida e o silencioso ritmo já é de pulsão de morte [“*chuuunc*”²⁶]. As vibrações irregulares de um som nascido do *silêncio* fazem com que a *linguagem das coisas* floresça com a morte para a liberdade. O amanhã nunca se sabe – é indeterminado. As coisas dos *bichos* podem ver o significado de dentro [interior] e ouvir a cor de seus sonhos. A *linguagem* não é significante – nasce do *silêncio das coisas*. No começo das coisas não está a “Palavra” ou sua “decisão” do “*Verbum*”, segundo a estrutura do *Evangelho de São João* e seus discípulos falantes.²⁷ Numa das passagens do *Fausto* de Goethe: era no início – a Ação[!] [Ato].²⁸ Seu “pacto” [aposta] com o demônio é movimentado neste silêncio de morte *na vida* – criando *coisas menores* [diferenciais mínimos] e por isso, ainda mais política, na sua própria linguagem, diferenciais mínimos que com seus estilhaços movem o eterno retorno conectando este com seus *bichos*. Na criatura – a *alma* é entregue ao *demônio* [o *psíquico* é

²⁵ FREUD, S. *El Malestar en la cultura* (1929). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 111.

²⁶ *Come together* (1969).

²⁷ **Fausto** prepara-se para traduzir o *Evangelho de João*. No original, a expressão grega *Logos* [*Verbum*, na Vulgata] vem traduzida por *Wort*, “Palavra”, em consonância com a tradução de Lutero.

²⁸ GOETHE, J.W. *Fausto: uma tragédia*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 112 [Mefistófeles dá a entender que, sob o disfarce de cão, ouvira o pouco apreço de **Fausto**, ao traduzir o início do *Evangelho de João*].

entregue às *intensidades*]. E aqui, nos aproximamos na natureza do demônio em Freud. “O demônio tem muitas coisas a oferecer (...)”²⁹ A[s] criatura[s] da natureza permeada de Energia e parte da Energia – “Que sempre o Mal pretende e que o Bem sempre cria”.³⁰ Essa *aposta*, assinada com o próprio sangue da criatura, pode estender-se por alguns anos; *entremesclados* frente à natureza e seus instintos de criação e morte *na* criação, que cria e fratura silenciosamente. O *desejo* que rompe nasce do silêncio, não é apanhado na rede de representações e não é neutralizado por um significante no campo social – os *bichos* na criatura são atravessados por conexões e [des]ligações instintuais pulsionais. As pulsões e instintos são *tramados* – como nas mórbidas esculturas de Camille Claudel; organicidade contaminada, destruída pelas velhas formas informes *mas* ainda parasitadas pela erótica da vida. O *desejo pulsa* no interior *das coisas* – desejo que na criatura é o mesmo desejo que no *bicho[s]*. [O] *bicho[s]* como “entidade psicanalítica” (Bruno Cava) – [o] *animal* que impõe sua presença; [o] *bicho[s]*, a mulher e as crianças – água corrente e luzes que tremem *no* terror do escuro. O *leão* teria sido domesticado?³¹ A *estrutura essencial* dos discípulos que comungam a “*palavra*” tentam perceber extensivamente pela *linguagem humana* as imensas marcas de unhas deixadas pelo *bicho[s]* – referência a *Bellérophon* [βελλεροφῶν; βελλεροφόντης³²], caçador de animais. De Razão dá-lhe o *nome*, e a usa, afinal, pra ser feroz mais que todo *bicho[s]*. Retorno ao mesmo daquilo que torna possível e suporta a representação de um mundo *humano* ordenado e articulado. O caçador, representante da “*palavra*”, *fala* que as marcas são recentes, indicando pela *palavra falada* que dois imensos lobos e seus filhotes corriam no incêndio. Frente a “*palavra*” representacional do caçador, *a morte do lobo* [*La mort du loup*] se faz presente para estes representantes.³³ Mas só o *silêncio* é silencioso. [O] *bicho[s]* com sua *alma trabalha* para realizar infinitas *ligações* – ligações da [des]ordem do silêncio. Essa infinitude não é uma infinitude da continuidade, mas uma *infinitude da conexão*. Hölderlin proclamou essa profundidade das coisas e suas forças expressando esta

²⁹ FREUD, S. *Una neurosis demoníaca en el siglo XVII* (1922). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 19, p. 81.

³⁰ GOETHE, *Fausto: uma tragédia*, p. 118.

³¹ CAVA, B. *A Revolta dos leões marinhos*. In *Quadrado dos loucos – prosa, crítica, crueldade e desejo*. www.quadradosloucos.com.br

³² GALVÃO JR., J.C. *Sobre a «exceção humana» – Carta a Lacan, Jung, Schmitt...* São Paulo: Liber Ars, 2012.

³³ VIGNY, A. *A Morte do lobo*. In *Poetas franceses do século XIX*. Trad. José Lino Grünwald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 18 - 23.

*conexão interna [connexion interne extrêmemment fort³⁴]: conectar infinitamente na finitude da criatura. A natureza começa a se manifestar e as coisas dos bichos começam a aparecer. “Da terra, da água, e mais dos ares / Brotam os germes aos milhares a desdobrar-se / Várias coisas irrompem e crescem / No seco, frio, úmido, quente! ...”³⁵ Na natureza – [o] bicho[s] tem de aparecer em ato. Em sua silenciosidade, [o] bicho[s] sussurra: “o caos reina”³⁶ – forças obscuras e demoníacas atuando – o pulsional se faz presente – os filhos do lobo em silêncio brincam ruidosamente. Um uivo instintual das pulsões alerta dos perigos do incêndio na natureza e da tentativa de extermínio do estranho bicho[s] na criatura. Se olharmos ao nosso redor e interiormente – será que encontramos [o] “caos”? Será que isto é oposto à [des]ordem da [in]governabilidade? Ou será que a “palavra” humana continua a nomear o bicho[s]? Natureza exterminada à natureza profundamente moral da humanidade.³⁷ As forças mais obscuras dos instintuais pulsionais de morte fazem parte desta cena – *magismus*. O eterno instintual pulsional erótico da vida retorna na luta com seu não menos imortal adversário: as pulsões de morte – silenciosas e mágicas. Pela *magia – vida e morte* permanecem entremescladas. Mas este *entremesclamento* ainda permanece reservado aos historiadores da magia e sua ação.*

É um demônio de ação

A *magia* não é um conceito. É como se um fragmento solto, livre e aberto se conectasse a outro fragmento e este a outro fragmento e estes se conectassem entre eles com outros numa *infinita ligação*. Aí residiria a *magia das coisas* e sua magia – a magia de *resistir*. São *trabalhos* que se fazem com *rupturas e ligações* diante deste conectar-se – como num poema. Lembremos de *Faustus*, que diante de sua experiência com o terrível monstro [*Ungeheuer*], ainda sob a forma de seu cão, tenta enfrentar num primeiro momento este monstro perverso com uma fórmula mágica, fazendo este ser oculto no animal revelar seu verdadeiro aspecto. Os versos mágicos que pronuncia referem-se aos espíritos dos quatro elementos – Salamandra: espírito do Fogo; Ondina: espírito da Água; Silfo [ou a forma feminina

³⁴ BENJAMIN, W. *Le concept de critique esthétique dans le romantisme allemand* (1920). Trad. Philippe Lacoue-Labarthe et Anne-Marie Lang. Paris: Flammarion, 2008, p. 58.

³⁵ GOETHE, J.W. *Fausto: uma tragédia*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 121.

³⁶ *Antichrist* (2009).

³⁷ FREUD, S. *El Malestar en la cultura* (1929). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 116.

Sílfide]: espírito do Ar; Gnomo: espírito da Terra. Usa o verso: “Salamandra se abraça, Ondina se retorça, Silfo se encase, Gnomo use força”³⁸, enquanto a neblina se dissolve e o *Ungeheuer* aparece como o demônio Mefistófeles. O enigma da Energia[s], parte destruidora, parte criadora, perece na natureza com seu corpo erógeno pulsional a todo instante marcado *entre* o movimento *prazer-desprazer*. Esta infinitude *na* sombra da finitude realizada do conectar acontece inextensivamente como resistência e movimento no acontecimento da *alma*. Uma coisa se torna *irritada* com as outras coisas [*pulsão de vida com pulsão de morte*]. *Da natureza* – impulsos instintuais silenciosos que partem da escuridão e é com os corpos que perecem em sua finitude – *drama da criatura*. “O nome *libido* pode aplicar-se novamente às manifestações da força de Eros, a fim de separá-las da energia da pulsão de morte”.³⁹ Mas neste *drama*, qual o *nome* da energia da *pulsão de morte*? Não tem nome, não pode ser nomeada. É uma *coisa[s]* obscura – [*ina*]habita o interior e o silêncio ruidoso do pântano. Vai vivendo como um crocodilo. Um *bicho[s]* antigo – algo que torna uma coisa *misteriosa*, sendo que tornar misteriosa esta *ciência natural* é retirá-la do âmbito empobrecedor do saber positivo estritamente objetivo. Na planície interior inundada de energias das pulsões de vida e das pulsões de morte [*des*]habita o *bicho[s]*. Das *figuras da natureza*, profundidade instintual, *as coisas retornam* à sua força de destruição; criando e forjando *diferenças* [para além do discurso da metafísica da diferença]. No *mundo da natureza* [*coisas não nomeadas*] não há nomes, *mas bicho[s]* – Energias em suas *retornanças* diferenciais. *Linguagem* como algo *puro* [*das coisas*], trabalhando num terror ou num movimento repetido; como se a *linguagem* se tornasse *bicho[s]*. *Trabalho* das coisas ou da *linguagem das coisas* [*pulsão sem representação*] que coloca [os] *bichos* da criatura num movimento de *terror* como algo invisível e silencioso criando *as* aberturas *no* instante *da* História. Trata-se [d]o aberto material e não da “metafísica” [d]o aberto. Estas forças intensivas que são desencadeadas não remetem para uma lei determinada do discurso ou *linguagem humana* como linguagem fônica representacional. Pelo contrário: estas forças demoníacas destroem com suas forças mais selvagens – puramente [*divinamente*] – com a cadeia de significantes representacionais. Impulsos instintuais inerentes à própria

³⁸ GOETHE, J.W. *Fausto: uma tragédia*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 115.

³⁹ FREUD, S. *El Malestar en la cultura* (1929). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 117.

natureza dos instintos pulsionais. Algo ou *alguma coisa* indeterminada não vai ser domesticada. Não há domesticação *dos resíduos*. Os *impulsos instintuais* mais profundos se tornam estranhos [estranho à “Casa” da linguagem]. Mágico confronto de forças da *pura* intensidade radicalizada em sua destrutividade; forças de um inconsciente pulsional operando silenciosamente numa intensidade do trágico [*intensidade barroca*]; metamorfoseando-se ou tornando diferente os instintos *em si*; retornando *a morte* em si; e mesmo assim, toda *a vida* é um processo de destruição. Marginalidade da magia; ambivalência marginal; fragmentos marginais; o caráter destrutivo presente no fragmento; marginalidade da própria *coisa* e *das coisas* [o fato *da vida* já não habitar o todo] – *coisas mágicas: as crianças montadas nos mais terríveis animais / correndo no movimento de cavalos azuis [vida] e negros [morte]*.⁴⁰ A *coisa marginal fragmentária* que lança com seus estilhaços suspeição sobre as formas de totalização gerando *destrutivos* que não mais habitamos. [Des]habitar e [Ina]bitar. *Fragmentum pulsional* – estilhaços [pedaços de qualquer *coisa*], resultados de uma destruição pura. Estes *estilhaços pulsionais* numa relação de forças *repetem* o diferente criando uma abertura material [o *aberto* não é discurso]. *Intensidade barroca* fraturando a figuração, representação, símbolos e imagens arcaicas, o *bárbaro* da alma que faz explodir o pensamento da representação e as intensidades das forças representadas. O que está em *jogo* é a *fragmentação psíquica*. Estas *intensidades* definem como *a força* se comporta – forças internas numa *relação de forças*; este *poder* muda a cada instante no interior de *estilhaços pulsionais* para a destrutividade do mundo das coisas *em sua* forma política [nomeada] ou de um animal *nomeado* “político” [“*poder soberano*” e “*bipolítica*” não domesticam (o) *instintual pulsional demoníaco destrutivo*]; seus fragmentos estilhaçados e *partículas* de substância viva polenizadas e dispersadas⁴¹ *irrompem* com formas e coisas nomeadas num jogo de resistências. Irrupções de um *inconsciente pulsátil* rompem com as acomodações do mundo das *coisas nomeadas*: “...é um Demônio de ação, ou Demônio de combate”.⁴² Como apresenta Klee em sua *Flor sobre o rochedo*⁴³, estes *traços* despertam *ecos trágicos*: manchas flutuam sobre um fundo crepuscular. É um olhar *lançado* sobre a magia da natureza

⁴⁰ RIMBAUD, A. *Illuminations*. Paris: Gallimard, 1999, p. 33.

⁴¹ FREUD, S. *Más allá del principio de placer* (1920). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2008, vol. 18, p. 57.

⁴² BAUDELAIRE, C. *Espanquemos os pobres!* In *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 338.

⁴³ *Flor sobre o rochedo*, 1940. Kunstmuseum, Berna. Paul Klee.

criadora. Mas aqui, [a] *flor* adquire a dimensão de uma “botânica carnívora” – *flor carnívora* – onde o caos da animalidade *do[s] bicho[s]* já está apresentando-se no movimento dessas escuras partículas sobre o rochedo – *fraturando-o*. A *magia* das coisas da natureza não se explica – são demônios inscritos no *corpo* e na *alma*. [A] Energia – [ela] é. O nomeado “*ser*” era. E o imprevisível está aí. Sua *magia*. As *freudianas & benjaminianas* carregadas de *energias & alegorias* contrastam na sua *magia* colorida com o frio e neutro pensamento da “Casa”. Quando passa a neblina, não lhes são essenciais as figuras que elas formam? Ou suas *imagens*? Lhes são indiferentes. Mas sim, a névoa elástica, que são compridas pelo *impacto constante* do vento, levadas adiante desde o início, disseminadas e também rompidas: esta é *sua natureza* – [a] *magia das forças [força natural]*. Nesta silenciosa *linguagem das coisas* – seu caráter mágico e demoníaco. Forças pulsionais ou da existência de uma modalidade de pulsão *sem representação*.⁴⁴ É a *magia das forças da natureza*. Não há explicação do Ocidente para a *magia*.

[O] Aberto

Retornando à Freud com as coisas que Walter Benjamin em seus últimos escritos de 1939-1940 tentou resgatar: a *radicalidade política das pulsões [intensidades]* expressando-se num pensamento da prática subalterna *da dor* dos vencidos. Freud não precisava de reconhecimentos na esfera *do político*, mas existe um registro muito forte por parte de Benjamin, nos últimos anos em vida: *das pulsões na história [estado de excitação mais real, estado de exceção]*; caráter de originalidade presente nos desdobramentos de seu trabalho ou em alguns de seus fragmentos: “*O despertar do sexo*”, onde Benjamin surpreende-se com o despertar da pulsão sexual, de uma pulsão desperta vinculada a uma ética da judeidade;⁴⁵ em “*Filatelia*”, escrevendo sobre selos, tecidos celulares gráficos onde tudo pulula em confusão, onde neles a vida teria sempre uma *marca* da decomposição da morte [destruição/ finitude], mostrando que é composta de matéria *já morta*⁴⁶ – radicalidade da *finitude da criatura*; ou mesmo em “*O Caráter destrutivo*” que cria espaço e é

⁴⁴ BIRMAN, J. *Sujeito e estilo em psicanálise: sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In *As Pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995, p. 47.

⁴⁵ BENJAMIN, W. *O Despertar do sexo*. In *Imagens de pensamento*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 121.

⁴⁶ BENJAMIN, W. *Filatelia*. In *Imagens de pensamento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 56.

jovem e alegre *mas* tendo consciência do homem histórico,⁴⁷ *relações de força* que marcam o *político*. Nestas *relações de força* atuam as *intensidades* ou *forças demoníacas*. Forças intensivas que *abrem* o político para *fora* da nomeada “soberania” – isso é um movimento ético. [O] aberto é aberto *numa* relação de forças intensivas; não se trata [d]o aberto do discurso “metafísico” da fala. A *intensidade* não é um “*ser*”; não tem seu *passé* pela “*casa*” do espírito [ou da repetição infernal do mesmo]. Antes de tudo é *bicho[s]* – pura intensidade [a *natureza* em sua *alma*] que se repete na diferença do *mundo das coisas* além do pensamento da representação. Em sua correspondência,⁴⁸ Benjamin sugere a Scholem que o texto *Rua de sentido único*,⁴⁹ de forma ainda tímida, daria o tom para as *Passagens de Paris*, este último, tentando dar a concretude extrema de uma civilização. Esta civilização burguesa estaria sujeita à destruição da *aura* pela *vivência do choque*: “... a sensação da modernidade: a destruição da *aura* na vivência do choque”,⁵⁰ o que seria recomendável, segundo Benjamin, retornar até Freud, “a explicação teórica não poderá prescindir das considerações de Freud em *Para além do princípio do prazer*”.⁵¹ *No além* do princípio do prazer não se rege pelo prazer. O *princípio de prazer* reina sobre todas as coisas, *mas* não governa todas as coisas. “Não há exceção ao princípio, mas há um *resíduo* irreduzível ao princípio – um *além*...”⁵² Um *além* [...] que não é governado pela *linguagem humana*. A este *caráter destrutivo* está presente o instante da *abertura* do movimento destrutivo da *pulsão de destruição*. Este *caráter destrutivo* é o que *resiste*, que faz com que não se transformem as *coisas* em massa. Aqui, o *mal-estar* se centra na *pulsão de morte*. Ainda nesta civilização, descrevendo junto com Baudelaire, olhos dos quais se poderia dizer que perderam a faculdade de olhar, mas, dotados de *pulsões*.⁵³ Ou ainda sobre a *força* que não pode ser domada: “o pouco que restará da política irá debater-se penosamente sob a pressão da *animalidade* generalizada, e que os

⁴⁷ BENJAMIN, W. *Le Caractère destructeur* (1931). Trad. Rainer Rochlitz. In *Oeuvres II*, Paris: Gallimard, 2000, p. 330.

⁴⁸ SCHOLEM, G. & BENJAMIN, W. *Théologie et utopie. Correspondance 1933-1940*. Traduit par Didier Renault & Pierre Rusch. Paris: Editions de l'éclat, 2010.

⁴⁹ BENJAMIN, W. *Imagens de pensamento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 264.

⁵⁰ BENJAMIN, W. *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire*. In *A Modernidade*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 148.

⁵¹ BENJAMIN, W. *A Modernidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 456.

⁵² DELEUZE, G. *O que é o instinto de morte?* In *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: JZE, 2009, p. 110.

⁵³ BENJAMIN, W. *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire*. In *A Modernidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 144.

governantes serão forçados a criarem um simulacro de ordem”.⁵⁴ E mesmo se lembrarmos aqui de uma de suas hipóteses mais radicais: “o saber inconsciente dos animais”,⁵⁵ o que o filósofo Jacques Derrida nomeará mais tarde de *animot*. O que demonstra, a impressão de Benjamin com os *destinos das pulsões* [intensidades ou forças demoníacas] e de um *inconsciente pulsátil* no caminho de uma *história aberta*, onde o novo seria possível, porque o futuro não é conhecido antecipadamente. A força de um ato não seria necessariamente carregada de otimismo, pelo contrário, poderia provocar resultados aterrorizantes. O caráter de terror e suas [des]conexões com a *compulsão à repetição*; o estranho terror no campo das intensidades pulsionais – a repetição, uma força demoníaca. Forças demoníacas da linguagem das coisas que disseminam em sua destrutividade a vida mortalista. Defesa contra a morte mítica ou violência mítica. Das pulsões [estado de excitação] para as intensidades históricas [verdadeiro estado de exceção] – intensidades ou forças espectrais dos últimos escravizados; tem-se um mecanismo de repetição da diferença do pulsátil produzindo e forjando diferenças em sua repetição; fazer explodir a estrutura da nomeada “Casa” – caráter político das intensidades. Um dos rios do inferno pulsa na destruição das coisas nomeadas e totais – Freud & Benjamin entremesclados movendo intensivamente o Inferno; ífero que [des]habita os mortos que atravessam *Aqueronte*. Não existe habitação fixa – as coisas estão em seu movimento permanentemente mudando de lugar em busca de novas pastagens para os instintuais pulsionais do[s] bicho[s]. Há um nomadismo nestes acontecimentos. O psíquico já é excitabilidade entremesclada na história do terror e produção de sua terrível diferença.

Experiência silenciosa

Neste momento, seria importante registrar as marcas das forças demoníacas das pulsões do pensamento freudiano na dita “Filosofia da diferença”. Destes pontos de contato entre o político e as intensidades, os estudos de Deleuze⁵⁶ seriam importantes num movimento da repetição como um movimento ético que repete a diferença, repetindo várias vezes a expressão da diferença das pulsões

⁵⁴ BENJAMIN, W. *Notas sobre os “Quadros Parisienses” de Baudelaire*. In *A Modernidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 197.

⁵⁵ BENJAMIN, W. *Panorama imperial*. In *Imagens de pensamento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 19.

⁵⁶ DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 2008 [*Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006].

[intensidades]. Aqui, a *repetição* e a *diferença* estão tão bem entremescladas uma na outra que não é possível dizer o que é primeiro; relação da *repetição* com a *linguagem das coisas* [as coisas *retornam* em sua diferença] – repetição *libertadora* – repetição como movimento *pulsional*, em oposição à representação, repetição afetada pela *experiência* da diferença; a verdadeira repetição é aquela que corresponde diretamente à *experiência* da diferença *na liberdade* [em busca da *liberdade*]. Não há afetos da ordem do discurso [“Filosofia rosa”] – as coisas passam pela *experiência*. Com o *eterno retorno*, Nietzsche não queria dizer outra coisa: a *repetição do eterno retorno* consiste em pensar a partir da *diferença* [animais *instintuais* de Zarathustra]; quem ou as coisas ou os *bichos* que descem da montanha *abrem* caminho com seu caráter destrutivo, uma ferida na ordem, quebra e fratura da estrutura – *esquizo-coisa* [Teatro do terror]. O “*ser*” [não-*ser*] nomeado psicótico é *fora* de si [Eu] – se há alguma loucura, ela está na própria natureza; “*ser*” é perder-se de si. Com a força da *experiência* do terror cria uma abertura *na vida* – criando mortificação na *diferença*. O que plasma a *experiência* do terror são os estilhaços *instintuais pulsionais* dos fragmentos. Por trás dos fragmentos há *intensidades pulsando* e relacionando-se entre si com outras. É porque a repetição difere por natureza da representação que o repetido não pode ser representação nem ser “*ser*” da representação; a maneira como as *pulsões* são necessariamente vividas, mundo interno das repetições *no* instinto de morte. O que *retorna* não é o Todo, o Mesmo, o Igual, a Identidade; as *coisas* que retornam tem caráter *estrangeiro, inquietante, extremo, excessivo, demoníaco* – as coisas que retornam são os *bichos*. “A roda no *eterno retorno* é ao mesmo tempo produção da repetição a partir da diferença e seleção da diferença a partir da repetição”.⁵⁷ O *eterno retorno* exige *intensidade* e coloca seu *excesso* a cada instante. Se o *eterno retorno* está em relação com a experiência do *instinto de morte* é porque promove a destruição da representação; relaciona-se ao *excessivo* que [des]liga o diferente ao diferente [o caráter destrutivo organiza-se na diferença *do estrangeiro*]. Aqui, os *bichos* são excessos na destruição dos sistemas da representação. A experiência do *eterno retorno* é intensiva, “*puramente intensiva*”.⁵⁸ Que Nietzsche não tenha feito a

⁵⁷ *Idem*, p. 61.

⁵⁸ *Idem*, p. 313.

exposição do *eterno retorno*⁵⁹ não impossibilita pensar a prática *das coisas e dos instintos* retornarem em sua repetição nos *bichos instintuais* do profeta Zaratustra. São estes *bichos intensivos* que “*falam*” a cada instante com a História e seu rompimento – abertura material. “*Temos dentro de nós uma pluralidade de instintos.*”⁶⁰ Deleuze registra um “*mundo da intensidade*”⁶¹ [a repetição no eterno retorno é *intensiva*], diferenças de diferenças que se repercutem *ao infinito*, dando um destaque especial ao conceito de *pulsão de morte* no campo da *Filosofia da diferença*, que seria uma crítica ao estruturalismo; fazendo a diferença entre *instinto de morte* e *pulsão de morte*.⁶² Neste forjar da diferença existiria, no texto de Deleuze, uma passagem da *pulsão de morte para* o instinto de morte, um “pulo de gato” da Teoria Psicanalítica para a Filosofia. Este *conceito* não teria mais qualquer fundamentação na ordem da *linguagem humana*, mas estaria próximo *das coisas [linguagem das coisas]*. *As coisas “falam”* a linguagem dos impulsos interiores e dos desejos [instinto que faz *(o) bicho resistir* diante das representações]. *Os instintos* designam em geral condições de vida e de sobrevivência [aqui, *pulsão de morte* seria *pulsão de vida*] com o risco de se destruir a si mesmo [*potência demoníaca*]; descoberta de um “*Além*” [...] – nesse aspecto *a repetição* constitui por si mesma o *jogo de nossa ruína e de nossa salvação [Rettung]*. Aspecto *libertador* da repetição: a ideia de um *instinto de morte* dá à *repetição* um poder autônomo e imanente em que o terror e seu caráter destrutivo se misturam intimamente com o movimento *da liberdade* do *bicho[s]*. No *pensamento freudiano*, o assombroso ou *as coisas* que infundem terror é sua concepção da *repetição na vida psíquica* dominada por um modelo material na teoria das *pulsões de morte*. A esta *linguagem das coisas* e seu caráter destrutivo, a *pulsão de morte* assombra *na* repetição toda a força do diferente, criando e possibilitando um pensamento *do diferente* na *Filosofia da diferença*. Aqui, *a diferença*, se expressa também na *Filosofia [da diferença]* com uma força repetitiva dos ferozes *bichos instintuais* de Zaratustra, capazes de destruir com seu *estranho* instinto, mesmo que seja com uma contração aqui e ali, isto é, uma *liberdade* no nomeado mundo humano. O *Zaratustra* de Nietzsche, ao soltar os

⁵⁹ “Meus amigos, sou quem ensina o *eterno retorno*. Isso significa: ensino que *todas as coisas* retornam eternamente e vós eternamente com elas, e que já exististes inúmeras vezes e *todas as coisas* convosco...” NIETZSCHE. F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 160 - 161.

⁶⁰ *Idem*, p. 178 - 179.

⁶¹ DELEUZE. G. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 2008, p. 311.

⁶² BIRMAN, J. *Freud & a filosofia*. Rio de Janeiro: JZE, 2003, p. 73.

animais, ao afirmar o pensamento do *eterno retorno – ético*⁶³ – afirma a *diferença dos animais instintuais*. Uma tentativa de ler as artes e a psicanálise pelo lado das *intensidades* ou *animalidade*. Freud com a *pulsão de morte* instala a *experiência silenciosa* das *intensidades* no aparelho psíquico [*alma*]; Nietzsche com os *animais* [de Zarathustra] instala a *animalidade* no pensar. Importante seria registrar também, que Freud e Nietzsche não se excluem, como pregam em voz alta em seus discursos os autoproclamados “nietzscheanos” em sua exclusão representacional inconsciente [a História do longo erro é a História da representação inconsciente]. A experiência de *instinto de morte* não pode ser reduzido ao campo da *linguagem humana* e ao discurso filosófico dos afetos falados. Está para “*além...*”. Freud e Nietzsche *não* se eliminam – *entremesclam-se* – instintualmente com seus *animais* ou seus *fluxos de excitações* destroem o pensamento da representação. Não há mais o nomeado “*ser*” no estilhaço barroco pelas *forças demoníacas das pulsões*. A experiência passa pelo *outro sem face* [*outro* do outro] – [os] *bichos* da criatura. Esta força da *pulsão* faz derreter e desaparecer uma imagem [*imago*] ou ordem da fala *no* instante de seu instinto [*mundo de forças puras*]. A estrutura da “*Casa*” é a presunção do humano diante *das forças* das figuras *da natureza*. Até *as coisas* tem seu terror.

Cada artista é inspirado por um desses demônios

Em seus primeiros anos de pensamento, Rimbaud se constitui em *ato* no silêncio atravessado em anjos [*Silences traversés des Anges*⁶⁴]. “*Je est un autre*” [*eu é outro*] – explorado pelo discurso filosófico e encontrando sua imanência radical na experiência da psicanálise, faz com que este *ato* encontre o *outro pulsional*. O conceitual do poético faz com que a dita filosofia encontre em *ato* sua experiência da *reflexão*. A arte como criatividade e não o “*Eu*” como *caroço da reflexão* – singular experiência. As duas faces do *ego* [*je* e o *moi*] tornam-se discurso, visto que o *silêncio* não é da ordem da *face*. As coisas que a *face* reconhece são coisas nomeadas pela consciência racional. O *outro* do outro passa [não]ser o *Je* que pulsionalmente está numa relação de forças com o *moi*. Momento que as coisas silenciosas da natureza relacionam-se com o *outro* [do outro]. O discurso humanista

⁶³ MACHADO, R. *Deleuze e literatura – trágico, de fora, linguagem*. Notas do curso ministrado por Roberto Machado na UFRJ, 2006.

⁶⁴ RIMBAUD, A. *Vogais*. In *Poetas franceses do século XIX*. Trad. José Lino Grünwald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 154 - 155.

da “face” ou o *humanismo do outro homem* subordina-se aqui ao *pensamento da representação* submetendo este outro [do outro] num extermínio do nomeado “ser”. A *reflexão* se abre numa natureza reflexionante do pensar numa *intuição intelectual* – a imediatez do conhecimento e a sua natureza intuitiva: aqui, o romantismo fundou sua teoria do conhecimento sobre o *conceito de reflexão*, por que ele garantia não apenas a imediatez do conhecimento, mas também uma infinitude singular no seu processo.⁶⁵ Eu = n[ão-]e[u]⁶⁶ – proposição de toda *ciência* e *arte*, registrado por Novalis, assenta-se sobre o *inconsciente [pulsional]*. Neste raro instante – *eu é outro da vida pulsional*. O *eu* e o *outro* convivem lado a lado na subjetividade moderna. O *eu* não é soberano – não domina seu território. Quando se sai da referência ao “Eu” [representante humano] estamos *fora* do discurso das ciências humanas – presença *silenciosa* das pulsões e inconsciente; nesta dinâmica instintual pulsional, o registro da pulsão é articulado ao registro do outro, sob as formas da *pulsão de vida* e da *pulsão de morte*.⁶⁷ Cada artista é inspirado por um desses demônios. A consciência imediata do pensar é estar-consciente-de-si e devido a sua imediatez é denominada *intuição* – o que na *alma*, o Eu = n[ão-]e[u] é da [des]ordem de um inconsciente pulsional instintual. Esta *intuição* que é produzida pela liberdade natural dos instintuais pulsionais é um *ato* de liberdade. Na verdade, o critério que está em jogo não é mais o critério do conhecimento *mas* o critério do [des]prazer – uma tradição trágica. *Falar* de “Eu” e/ou “não-eu” sem intensidades ou excitabilidades é *falar de nada*. A participação do *demos* se dá nas ruas da alma. Ou seja: o que no romantismo alemão, com Novalis e Schlegel, está para uma radical consciência-de-si pela *intuição* ou um conhecer intuitivo, está para a psicanálise, com Freud, de um [des]conhecer de um profundo e ruidoso silêncio na criatura em sua finitude. A crítica da arte *das coisas* mais estranhas como criatividade ou a questão de uma teoria da criatividade não é um problema do discurso filosófico. A arte é a experiência criativa do *devir* e seu caráter destrutivo, a experiência criativa da própria morte *na* vida. Só se cria se é eroticamente potente. Freud e Benjamin não foram educados na Filosofia. Este bloqueio inconsciente do pensamento da representação ou deste discurso localiza-se *na* representação. *Afeta*

⁶⁵ BENJAMIN, W. *Le concept de critique esthétique dans le romantisme allemand* (1920). Trad. Philippe Lacoue-Labarthe et Anne-Marie Lang. Paris: Flammarion, 2008, p. 51.

⁶⁶ NOVALIS. *Fragmentos I e II*. In *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009, p. 139.

⁶⁷ BIRMAN, J. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 51.

na pós-modernidade os críticos auto-proclamados “nietzscheanos” [ou “spinozistas”]. Através da representação e, afinal de contas, através de sua mais elevada representação – a do representante. Até mesmo os “afetos” encontram-se “desafetados” pela ordem do discurso dos afetos e sua perda de experiência [*Erfahrung*]. A linguagem remete a ela própria – eliminando a experiência da[s] coisa[s]. Por outro lado, raramente um psicanalista, se sente impelido a problemática da arte como criatividade das *coisas estranhas*.⁶⁸ Estas *coisas* vivem internamente e externamente na *filosofia da história* e na *psicanálise* – pulsa num trágico [*barroco*] da finitude. Tragédia e trágico são coisas diferentes. *As coisas* que [os] estranhos *bicho[s]* da criatura instintualmente seguem é este “além...” – pura repetição instintual das pulsões. Repetição como tentativa de [des]ligação para uma erogenização. *Pulsão de morte* [!] ⁶⁹ [*linguagem das coisas*] – expressando-se na experiência da criatividade e finitude do trágico. Na atualidade de seu mal-estar, a *pulsão de morte* não tem seu passe pela tragédia. A *pulsão de morte* passa pela finitude do barroco [trágico]. *Forças demoníacas*⁷⁰ que no mesmo instante se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho psíquico [*alma*] – o obscuro e estranho material das pesquisas da psicanálise; relação dos processos instintuais de repetição com a diferença. “As expressões de uma *compulsão à repetição* singularizam em alto grau um caráter pulsional [instintual] (...) alguma força ‘demoníaca’ em ação”.⁷¹ A *pulsão de morte* marca que *a vida* está pulsando a cada instante e que a mesma está em processo de destruição *na morte*; *instintos* que penetram em sua natureza mais profunda e terrível, infundindo terror e insistindo em irromper com seu caráter destrutivo. Isso que faz parte do silêncio ruidoso *apresenta* o terror. Estranhos casos de repetição, *coisas que repetem coisas* no

⁶⁸ FREUD, S. *Lo ominoso* (1919). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 17, p. 219.

⁶⁹ O mundo encantado da Filosofia da “potência” representa-se pelos inúmeros casos de *hostilidade* frente à “pulsão de morte”. De fato, extensivamente, um forte *mal-estar* do discurso filosófico frente às “pulsões sexuais” já demonstra esta problemática ao não trabalharem com seu *caráter erótico*. Pensamento da representação atravessado por sentimentos religiosos – os representantes da dita Filosofia da “potência” carregam a “peste emocional” moralizando o pensamento, excluindo este movimento [pulsão sexual e pulsão de morte]. Como registrou o próprio Freud: “...as *criancinhas* não gostam quando se coloca *questões da inclinação inata* do ser humano para o ‘mal’, a *agressividade, destrutividade e também para crueldade*”. FREUD, *El Malestar en la cultura*, p. 116.

⁷⁰ FREUD, S. *Más allá del principio de placer* (1920). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2008, vol. 18, p. 35.

⁷¹ *Idem*.

trabalho da diferença na roda do eterno retorno; a *vida pulsional [instintual]*⁷² servindo para ocasionar *a morte*; trata-se de *instintos* cuja função é garantir que o *organismo* seguirá seu próprio caminho *para a morte*; pressionando sempre e com caráter indomado ou não domesticado de uma *força constante*. “O que nos enuncia essa *filosofia da vida*, afinal? Nada mais nada menos que o organismo não suporta se manter vivo e quer morrer, pois pretende, no limite, se livrar de qualquer excitação”; mas “a *filosofia da vida* que sustenta o discurso freudiano seria eminentemente *mortalista*”.⁷³ *Para a morte* – assumir a finitude. Morte natural. Necessidade interna de morrer. O que existe por outro lado é a tentativa de domesticação *dos bichos* na criatura pela *linguagem humana* [“*Casa humana*”] – paz de animais no pasto dos pastores. Mas, a questão principal e marginal: que as coisas vivas ou do mundo das coisas estão fadadas a morrer por alguma coisa interna. Aquilo ou a coisa que é dada *no terror* não é senão *a morte*. *Fantasma da morte*. “*Fantasma* de morte no interior da própria vida”.⁷⁴ Este *instinto* é um *estranho* – inquietante. O fato é que estas *forças instintuais* procuram conduzir a *vida para a morte* desde o início da *vida [biológica]* da criatura. Forças instintuais das pulsões de morte que acontecem *autonomamente*⁷⁵, expressando-se *na vida com a morte*. As coisas da natureza passando pela *morte* que aparece com o terror sob a foice fatal; guilhotina da morte na vida. Noite, terror, interior. É quando o sol desaparece e não acorda mais o Profeta; à sombra de um silêncio ruidoso as coisas emergem fraturando extensivamente. Assim como a terra – o corpo se rasga de dentro para fora. Na Floresta, bem longe, ouve-se um clamor na clareira em altas vozes. Os discípulos da estrutura consideram ainda a boca e teu Deus – *porta-voz* – do *Verbum*. O tumultuoso silêncio da morte instintualmente no grande silêncio que há no mundo mergulhando na escuridão. Ao sabor do vento polenizador – *l’art de mourir*. Na *morte aberta* – onde o silencioso destrutivo ganha a doçura erótica dos seios. Na criatura – e morrer fosse só, na fonte muito escura, mas com a *abertura* do *Angelus Novus*. Aonde vai na escuridão. “*Pouco depois, um Anjo, abrindo as portas*

⁷² *Idem*, p. 39.

⁷³ BIRMAN, J. *As Pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 84, 87.

⁷⁴ *Idem*, p. 88.

⁷⁵ FREUD, S. *El Malestar en la cultura* (1929). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 21, p. 113.

/ Vem animar, alegre e com bondade / Os espelhos sem luz e as chamas mortas".⁷⁶
É a morte que consola e alimenta a jornada – é o alvo desta vida. É o negro horizonte das *forças demoníacas das pulsões* desde o começo da vida sobre a terra. Superstições cíclicas sobre a morte. Não podemos pensar o *fluxo das coisas* de outro modo a não ser como a transição de um estado permanentemente morto para outro permanentemente morto.

Ah, chamamos o 'morto' de imóvel! Como se houvesse algo imóvel! O vivo não é uma oposição ao morto, mas um caso especial (...) Mal nasceis e já começais a morrer⁷⁷.

A cada instante esta *ambivalência do bicho* ou *dos bichos* da criatura podem irromper *na vida* para *morte* criando uma *abertura* material *na História*; a *abertura* se dá como *pulsão* como exigência de trabalho. Aqui, os instintuais pulsionais de morte criam uma *abertura* nas coisas nomeadas pela linguagem "humana". Os instantes instintuais de *abertura* estão próximos de uma natureza: *inconsciente* e *pulsão de morte*. *Para a morte* e *com a morte* numa filosofia da vida mortalista a cada instante que pulsa na *linguagem das coisas*. A *linguagem* é fruto da erotização dos acontecimentos dos corpos entremesclada *na morte*. Seria como se [um] *bicho* dissesse: – *pegue seus botões de rosa enquanto pode / o tempo está voando / a estas horas, flores que hoje riem, amanhã estarão mortas*. Mágica pela poesia – os poetas [não] estão mortos. A natureza e sua condição mágica. A natureza da[s] coisa[s] é natureza da coisa psíquica da natureza *na história*. Acontecimentos que *rememoram* Novalis e Schlegel em *fragmentos* como uma pequena obra de arte – diria este pensamento no século XX: interpelação *do[s] bicho[s]* pelas coisas silenciosas e obscuras da natureza. Nada de "ser". Apenas *bichos* em seus *estados de excesso* em sua *finitude* natural com a morte. Trágico barroco da finitude. Num momento da dita "Filosofia da diferença", com o *pensamento freudiano*, Deleuze tenta trazer imanência a seu pensamento da diferença numa repetição mais profunda que se desenrola numa outra dimensão. O *estado de excesso*, isto é, a *diferença intensificada*, retorna a cada instante em sua *repetição instintual* mais *estranha* e *silenciosa*. Uma profundidade silenciosa ruidosa em que as intensidades

⁷⁶ BAUDELAIRE, C. *A Morte dos amantes*. In *Antologia da poesia francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 477.

⁷⁷ "Vida após a morte. Quem tem razões para acreditar na sua 'vida após a morte' precisa aprender a suportar sua 'morte' durante a vida". NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 109, 122, 133.

das coisas estão *fora* de um sistema de linguagem humana ou languageiro [*para além* de uma leitura formalista da *linguagem*]. Este *inconsciente intensivo* é irreduzível ao campo da *linguagem humana*. Os *desejos* fazem explodir as coisas nomeadas a cada instante em sua repetição do diferente na roda do eterno retorno, criando instintualmente a constante das intensidades. *Alguma coisa* não é governada [*a Besta* se agarra na alma e corpo]. Os *bichos* – caráter de terror – “*a Besta*” segura com força na *alma* e *corpo*, segundo o poeta.⁷⁸ O *terror* [em sua inquietante expressão] não é governado; as pulsões de destruição rompem fraturando o refinado *biopoder*. Na verdade, a criatura morreria se as *intensidades* fossem zeradas e governadas totalmente; a criatura mantém parte das excitações e descarrega parte das excitações.

A tendência dominante da *vida psíquica* e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna de estímulos, tendência que encontra expressão no *princípio de prazer*; esse fato constitui um de nossos mais fortes motivos para acreditar na existência de *pulsões de morte*⁷⁹.

No *estado de excesso*, as coisas rompem em sua finitude com qualquer forma de representação; o *excesso* de intensidade é *liberado*, mas o *instinto de morte* não consegue ser completamente expulso da “*Casa*” – o *estrangeiro* permanece *parasitando* esta “cultura européia”; as coisas retornam em sua animalidade produzindo a *diferença material* [materialidade que se inscreve no psiquismo como um *traço* e na história *rememorada* – traço rememorado] e a destruição interna da linguagem humana ou da “*Casa*” onde habita o nomeado “*ser*”. Neste caráter destrutivo das pulsões o *silêncio é atravessado em Anjos*. [A] pulsão de morte [*silenciosa-barulhenta*] atravessada no Anjo da história – destrói e ao mesmo tempo rememora os traços *em* cinzas. Esta *magia* envolve alma[s] e corpo[s].⁸⁰ O silêncio da pulsão de morte perturba o silêncio de outra pulsão de morte – nessas perturbações ruidosas dos instintuais pulsionais de morte [des]habita o[s] *bicho[s]* – este movimento *do[s] bicho[s]* na criatura faz parte de um *inconsciente pulsional*. Esta *magia pulsional* toca o terror involuntário não domesticável. Anjo ou Mago – as forças pulsionais *do[s] bicho[s]* na criatura retornam à terra; retornando

⁷⁸ JARDIM, R. *Sangradas escrituras*. Brasília: Ed. do Autor, 2009, p. 542.

⁷⁹ FREUD, S. *Más allá del principio de placer* (1920). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2008, vol. 18, p. 54.

⁸⁰ RIMBAUD, A. *de: Poesías (Últimos versos) – LXXXIII*. In *Poetas franceses do século XIX*. Trad. José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 159.

rememoradas pelo *pólen* disseminado pelo *vento* e [os] *bicho[s]*. Primeira lição: o melhor amigo do *bicho* – é o *bicho[s]*. *Bicho[s] sem face*. As forças obscuras e silenciosas do *bicho[s]* podem ser *rememoradas* em sua [in]finitude de seu *ato* pelo *Angelus Novus*. O imprevisível da finitude *das excitabilidades* da criatura está presente no instante da *violência pura* das intensidades que é constitutiva da experiência da vida do aparelho da *alma*; mas – com a [im]possibilidade de ser rememorada na *abertura* da História. As forças demoníacas das pulsões de morte projetam sua sombra silenciosa sobre o passado, e este, rememorado pelo *Angelus Novus* coloca suas forças em *ato*: fraturando e destruindo. *A natureza à espera de um austero silêncio.*⁸¹

[a] coisa em ato na criança

Aproveitei uma oportunidade que se me ofereceu durante os primeiros anos de vida de meu sobrinho, Benjamin⁸² – *puro ato* como trabalho de ligação. Na praia, construíamos castelos de areia e seus fragmentos corriam diante dos dedos das mãos ao tomar uma certa rigidez quando secos [cristalizado]. Benjamin, diante da cena, destruía o castelo. Destruição a cada instante [da representação]. *A coisa em ato*, misteriosa – *repetia-se*. Não há desconstrução neste momento e sim destruição ou um caráter destrutivo. *A coisa* repetia-se: ao construir o castelo, o mesmo era destruído com a pequena mão de Benjamin. A criança não passa inicialmente pela desconstrução – repete originariamente o caráter destrutivo *em ato* na produção *da diferença*. Nem mesmo existe *face* neste momento. Apenas o ato destrutivo e seu *prazer* de destruir *intensificado* no instante da destruição do ato. As intensidades estão presentes desde já. *Intensidades das coisas*. *As coisas em ato* como problemática da ligação [*ligações ocultas*]. Ou seja: a categoria do *jogo* [brincadeira] com coisas e como *coisa em ato* como que antecedendo ao pensamento e a linguagem fonemática. O *jogo* como pura intensificação do prazer – presente ou não [seu caráter destrutivo]. O perigo da criança para ordem política representacional enquanto ordem do campo do recalque. O *jogo em ato* não é uma fantasia e nem uma representação. Seu caráter é que ele é um *ato*. Uma *coisa*. Não tem seu passe originário pelo recalque campo da fantasia e representação. Nem mesmo o *passe*

⁸¹ VIGNY, A. *A Natureza está chamando...* In Antologia da poesia francesa. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 146.

⁸² Benjamin Daniel Galvão.

deste nomeado “ser” [fantasia e representação] inconsciente existe neste momento. O que existe como imanência intensiva é o *jogo*: a criança e suas intensidades como *coisa em ato* – a criança e os *bichinhos*.⁸³ A criança, nos imemoriais tempos da humanidade, *habita* hoje em dia a *casa da linguagem* em sua manifestação mais violenta: a nomeada *biopolítica* [australiana] cruzada pela *ética protestante* [leia-se: cristã] numa *política bioteológica* a repetir *o mesmo* num modelo linguístico humano [nomeado humano]. Ou seja: a não anterioridade da *repetição diferencial*. Mas, a qualquer instante, silenciosamente, *a coisa em ato*, insurge-se na destruição das representações fonemáticas e imagéticas [*linguagem humana*] – demasiada humana. O *inconsciente* não é linguístico [não tem seu passe pela *imago e fala*] – é intensivo – um *bicho[s]* que silenciosamente se arrasta destruindo a cada instante representações onde habita o nomeado humano. “*Jogo inocente sobre o qual não pesa nenhum passado*”.⁸⁴ Isso, J. Derrida nomeia no discurso filosófico de *animot*, coisa que se arrasta silenciosamente, mas que a desconstrução enquanto pensamento não dá conta. Repetimos, aqui, o caráter destrutivo do *jogo* – *a coisa em ato* em suas [des]ligações para além do pensamento da representação e mesmo aquele que se diz libertário *ou* desconstrutivo.

A Liberdade da vida sexual frente a moral sexual “civilizada”⁸⁵

Que é o corpo? Um corpo? Referência corporal? Uma *experiência* corporal de resistência? Antes de mais nada – este território é atravessado por intensidades pulsionais. É a forma mais antiga de resistências frente à *nomeada* “moral sexual civilizada”. É *expressão* que se faz dançar como uma bailarina. É a natureza do sexual se manifestando a cada instante no *ato do amor*. Mas também é *morte* que se destrói ou a cada instante com seu *caráter destrutivo* encontra *na* morte sua *finitude*. Entre vida e morte – morte *na* vida – o *corpo* resiste com a *alma* num movimento pulsional de resistência. Mas que é esta *intensidade[s]* que claudica com seus *fluxos esquizo* e suas forças na abertura de um corpo livre em sua livre liberdade *ou* libertação da liberdade? – isto é, para um *relacionamento* livre com

⁸³ BARROS, M. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003, [*Manoel por Manoel*].

⁸⁴ Olgária Chain Féres Matos [*Carta de 3 de junho de 2012*].

⁸⁵ *A Liberdade da vida sexual frente a moral sexual “civilizada”*: [*o*] *FEMEN* como expressão social de resistência política na contemporaneidade. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional *Subjetividades e montagens corporais no mundo contemporâneo* organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e pela Escola Doutoral da Universidade Paris VII (2013).

suas forças. E aqui, estaríamos *na* questão da *liberdade* ou da *libertação da liberdade* e suas forças, fazendo referência ao *movimento* FEMEN⁸⁶. Grupo de ativistas, cujo *movimento* nasce como expressão nas ruas da Ucrânia. Então, imaginem: um grupo de mulheres se reúne naquele frio da Ucrânia para fazer um manifesto com os seios *de fora*. “Nossos seios são nossas armas”, declara [*grita*] o movimento. Agora, uma pergunta nos vem a mente: por que este *movimento* perturba ou provoca a ordem do discurso da *nomeada* “liberdade”? Se fôssemos realmente livres não haveria necessidade de *falar* sobre a “liberdade”. Existe uma *vida sexual* que *passa* por uma repressão frente à conhecida “*moral sexual ‘civilizada’*”. Logo[s] – uma *violência* tal, que poderíamos registrar esta *Gewalt* como sendo da ordem da “*linguagem humana*” e suas cristalizações: da *fala* e das *imagens arcaicas*. Então, se é a presença [ausência] da imagem de um mito cristalizado em seu *logos* imemorial e que se manifesta na *linguagem humana* da *fala* – obviamente este *peso* deste discurso não está isento de uma moral: “moral sexual ‘civilizada’” frente à real liberdade. Acreditamos que o *movimento* de abertura para livre e real liberdade do *corpo* está entremesclada com o caráter destrutivo da *alma* quando esta é atravessada pela “moral sexual ‘civilizada’”. Quando a *alma* é capturada por esta moral, entra em cena o *corpo* como possibilidade erógena de desejos e experiências e possibilidades de uma liberdade em *ato* – liberdade e liberdade[s] *no* prazer que se expressam *no* rompimento do corpo com seus *estilhaços pulsionais* e fragmentação destas forças que não podem ser domadas pela *nomeada* “civilização”. Como expressão social frente – *face* – esta “cultura” ou de uma “moral sexual civilizada”, acreditamos, no momento [instante], que o *movimento* social/político FEMEN, em nossa contemporaneidade, expressa ou tenta expressar esta “liberdade” da *vida sexual* – mesmo que numa cena teatral ou convulsivamente num espaço sagrado-sacralizado [ideologizado]. Poderíamos lembrar aqui de Camille Claudel, que quando desmonta a rigidez de um Rodin com suas esculturas de corpos velhos e fragmentados, estaria colocando a questão *do* “*ser-para-a-morte*”. “Ser-para-a-morte” não da ordem da “linguagem falada” ou o que Walter Benjamin vai chamar de “linguagem humana”; “ser-para-a-morte” não da ordem do discurso filosófico da representação e da identidade; “ser-para-a-morte” não da ordem de um *discurso* psicanalítico [teológico] que *fala em nome* de “Freud”

⁸⁶ Estamos fazendo referência ao movimento FEMEN-Ucrânia [atualmente exilado em Paris].

e que *habita* uma “Casa”... Mas, “*ser- para-a-morte*” de uma singularidade que carrega a finitude da criatura ou de um sujeito histórico; uma criatura fragmentada e seu corpo estilhaçado. O mesmo acontece com Sabina Spielrein e seu caráter convulsivo que destrói o pensamento da representação ou o discurso da “Casa”. Se o *espaço corpóreo* na modernidade seria o local da extensiva liberdade e suas formas de vigilância, o *espaço da alma* seria o local das interdições inextensivas da moral sexual “civilizada” oculta. *Corpo* e *alma* andam de mãos dadas – com o prazer e a morte. Por isso, a expressão social do *movimento FEMEN* já seria uma expressão corporal de resistência que se manifesta principalmente nas ruas dos estados da alma. Então, não se trata aqui de defender o movimento FEMEN ou não... A questão, antes de mais nada, seria em *sua* diferença, tentar analisar este *movimento* como um movimento que carrega potencialmente partículas intensivas [des]ligadas a uma *excitabilidade* [irritabilidade] na Abertura de uma real liberdade. O que este movimento tenta expressar a cada momento num instante eterno é exatamente a possibilidade de uma “liberdade” que não acaba e nem se cristaliza em imagens arcaicas e na linguagem como fala [linguagem humana]. É como se este *movimento* estivesse a cada instante *fraturando* em *ato* o discurso normativo da “Casa” ou de uma “moral sexual ‘civilizada’”. Por outro lado, neste *discurso*, seria preciso um certo afastamento dos representantes desta “moral”, o que poderíamos chamar de “trindade *borromeana*” [que não passa de um *símbolo*]: 1) Extermínio da libido e sua cristalização em imagens arcaicas; 2) a da ordem da *fala* numa posição “humana”; 3) e a estrutura em que estas duas primeiras *habitam* – a grande e infalível “Casa”. Não há nada que este *discurso* “moral” odeie mais – *isso* – para não registrar sua *hostilidade* frente [a] “loucura”, [o] “feminino”, [o] “inconsciente”, a “sexualidade”, [as] “pulsões sexuais” e suas *forças*... Mas, a característica mais saliente desse *discurso* é sua *hostilidade* em questão de “liberdade”... “Liberdade”, que neste caso, seria a liberdade de uma *vida sexual livre*... “*Libertação da liberdade*” – que neste instante eterno se expressa para além das *palavras* e encontra-se *nas coisas* a possibilidade de uma *fratura*. Resta saber se esta *experiência corporal* deste movimento dá conta de uma *alma* atravessada pela moral sexual “civilizada”. O *mal-estar* é de [não] aparecer em *ato* frente à moral sexual “civilizada”.

Retornamos ao *trans aberto* no desejo [de] *ser trans* plasmado por intensidades pulsionais – aí encontra-se [o] *feminino*, a *loucura* e a *criança* na fratura

e destruição do mítico Patriarcado – e até mesmo a possibilidade de sua rememoração. O retorno para o *inconsciente* fracassa se não for experiência da manifestação da *intensidade*. A subversão desta *força* se torna um aspecto da *redenção* relacionada à verdadeira imanência do mundo – *Angelus Novus* carrega traços do anjo da Justiça como também do *destruktiver Charakter*.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BAUDELAIRE, C. **A Morte dos amantes**. In **Antologia da poesia francesa**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- BAUDELAIRE, C. **Espanquemos os pobres!** In *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BENJAMIN, W. **A Modernidade**. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- BENJAMIN, W. **Imagens de pensamento**. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- BENJAMIN, W. **Le Caractère destructeur** (1931). Trad. Rainer Rochlitz. In *Oeuvres II*, Paris: Gallimard, 2000.
- BENJAMIN, W. **Le concept de critique esthétique dans le romantisme allemand** (1920). Trad. Philippe Lacoue-Labarthe et Anne-Marie Lang. Paris: Flammarion, 2008 [*O Conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002].
- BENJAMIN, W. **Sur le concept d'histoire** (1940). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000 [*Sobre o conceito da história*. In *O Anjo da história*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, vol. 4].
- BENJAMIN, W. *Sur le langage en général et sur le langage humain* (1916). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000.
- BIRMAN, J. **As Pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BIRMAN, J. **Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BIRMAN, J. **Freud & a Filosofia**. Rio de Janeiro: JZE, 2003.
- BIRMAN, J. **Sujeito e estilo em psicanálise: sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano**. In *As Pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995.

DELEUZE, G. **Différence et répétition**. Paris: PUF, 2008 [*Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006].

DELEUZE, G. **O que é o instinto de morte?** In **Sacher-Masoch: o frio e o cruel**. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: JZE, 2009.

DOURADO, J. & GALVÃO JR., JC. **A Narradora**. São Paulo: LiberArs, 2014 [Prelo].

FREUD, S. *Carta 52* (1896). **Fragmentos de la correspondencia con Fliess**. Trad. José L. Etcheverry. In **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 1.

FREUD, S. **El Malestar en la cultura** (1929). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 21.

FREUD, S. **Lo ominoso** (1919). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 17.

FREUD, S. **Más allá del principio de placer** (1920). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2008, vol. 18.

FREUD, S. **Proyecto de psicología** (1895) Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 1.

FREUD, S. **Una neurosis demoníaca en el siglo XVII** (1922). Trad. José L. Etcheverry. In **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 19.

GALVÃO JR., J.C. **Sobre a «exceção humana» – Carta a Lacan, Jung, Schmitt...** São Paulo: Liber Ars, 2012.

GOETHE, J.W. **Fausto: uma tragédia**. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2011.

KAFKA, F. **Carta ao pai**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MACHADO, R. **Deleuze e literatura – trágico, de fora, linguagem**. Notas do curso ministrado por Roberto Machado na UFRJ, 2006.

NIETZSCHE, F. **Sabedoria para depois de amanhã**. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOVALIS. **A Cristandade ou a Europa**. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006.

NOVALIS. **Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.

RIMBAUD, A. de: **Poesias (Últimos versos) – LXXXIII**. In **Poetas franceses do século XIX**. Trad. José Lino Grünwald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

RIMBAUD, A. **Illuminations**. Paris: Gallimard, 1999.

RIMBAUD, A. **Vogais**. In **Poetas franceses do século XIX**. Trad. José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SCHOLEM, G. & BENJAMIN, W. **Théologie et utopie. Correspondance 1933-1940**. Traduit par Didier Renault & Pierre Rusch. Paris: Editions de l'éclat, 2010.

SPIELREIN, S. **La Destruction comme cause du devenir (1912)** Trad. Pierre Rusch. In **Sabina Spielrein: entre Freud et Jung**. Paris: Aubier, 1981, p. 213 - 262 [Die Destruktion als ursache des werdens. trad. livre de Renata Udler Cromberg - USP].

VIGNY, A. **A Natureza está chamando...** In **Antologia da poesia francesa**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VIGNY, A. **A Morte do lobo**. In **Poetas franceses do século XIX**. Trad. José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.